

# OS PARTISANS, OS INGLESES E OS RUSSOS

Por Gabriel Camilli\*



*Militares britânicos na base da Brigada Blindada de Varsóvia, na Polônia (Aleksandra Szmigiel/Reuters).*

*A morte de membros do SAS britânico em um ataque russo foi um golpe tão duro para a Ucrânia e a OTAN que o governo britânico nem sequer se deu ao trabalho de negar.*

Com o atual desenvolvimento da ofensiva em curso no Donbass, a Rússia aumenta cada vez mais a pressão sobre as forças de defesa ucranianas. As tropas russas estão tentando explorar seletivamente os túneis subterrâneos e os tubos de concreto que atravessam as áreas mineiras de Donbass. Desta forma, as tropas de Moscou podem evitar as posições defensivas ucranianas bem desenvolvidas ou ficar atrás delas e forçar os ucranianos a recuarem.

Além disso, o avanço das tropas é apoiado pelo ar com pesadas bombas planadoras. Vemos que os ucranianos estão travando uma tripla batalha defensiva em Donbass: subterrânea, na superfície e no ar.

Desta forma, as tropas russas alcançaram vários sucessos na última semana. Ao avançar de Novooleksandrivka para a periferia oriental da cidade de Vosvyschenka, a Rússia garantiu seu avanço sobre Ocheretyne dos ataques ucranianos e também foi capaz de reduzir a distância até à estrategicamente importante autoestrada Pokrovsk-Kramatorsk.

Mas nos últimos dias vemos que, paralelamente, uma guerra de guerrilha continua a se desenvolver, como assinalamos em diversas ocasiões.

*Partisans*<sup>1</sup>, espiões e colaboradores (estrangeiros) de ambos os lados se entrelaçam e formam redes de apoio às operações militares, contribuindo para o cumprimento do objetivo de desgastar o moral e o poder de combate do adversário. Neste contexto, a confluência do ódio, da inimizade e da violência primitiva na sua essência como impulso natural cego, como nos diz Clausewitz, assume um valor especial para o povo (*das Volk*).

Como dissemos em 11 de junho de 2023: “É bom lembrar a Teoria do Partisan de Carl Schmitt e a forma como o conflito atual pode evoluir como quadro teórico para esta análise”. O que nos dá algumas características deste tipo de guerra:

- Caráter irregular da guerra partisan: como Mao Tse Tung expressou na época, “a guerra revolucionária é nove décimos de guerra não aberta e não regular e apenas um décimo de guerra militar aberta”.
- Componente de alta intensidade política: “O caráter intensamente político do partisan deve ser mantido para não confundi-lo com o vil ladrão e assaltante que pensa exclusivamente no seu benefício privado, sem ter outros motivos” (Schmitt 1966: 25).
- Mobilidade: uma terceira característica, para Schmitt, é a dificuldade de localização em determinado local. “Mobilidade, velocidade e mudanças bruscas de ataque e retirada, em uma palavra, a mobilidade acentuada permanece, ainda hoje, uma característica do partisan. A técnica e a motorização intensificam mesmo a mobilidade (Schmitt 1966: 27).
- Caráter telúrico do partisan: conhece “milimetricamente”, como “a palma da sua mão”, o território em que se move.
- Relação amigo-inimigo: Schmitt expressa: “O partisan moderno não espera graça nem justiça do inimigo. Ele virou as costas à inimizade convencional, com suas guerras domesticadas e limitadas, e entrou no reino de outra inimizade verdadeira, que se enreda em um círculo de terror e contraterrorismo até a aniquilação total” (Schmitt 1966: 20).
- O terceiro interessado: segundo Schmitt, há sempre um terceiro interessado que apoia o grupo irregular e, se for um Estado, confere certo caráter de legitimidade ao grupo insurgente. “O terceiro poderoso não só fornece armas e munições, dinheiro, ajuda material e medicamentos necessários, mas também proporciona uma espécie de reconhecimento político, necessário ao partisan que luta irregularmente para não ser desqualificado como ladrão ou pirata” e evitar cair no apolítico, que neste caso é idêntico ao criminoso” (Schmitt 1966: 105).
- Espacialidade e desenvolvimento técnico-científico: o desenvolvimento tecnológico não só proporcionou aos combatentes, e às armas contemporâneas, novos dispositivos de guerra, eficazes e letais, mas também modificou as estruturas do espaço e sua disposição.

---

<sup>1</sup> O termo “partisan” (literalmente “partidário”) está relacionado com a guerrilha e a insurgência. Os chamados “partisans” tiveram ampla atividade durante a Segunda Guerra Mundial, mas o termo é anterior e se refere a atividades relacionadas à guerrilha em diversas outras ocasiões históricas anteriores.

Conforme noticiado pelo jornal *Faro di Roma*: “Na terça-feira, 16 de julho, as forças russas eliminaram uma unidade de forças especiais britânicas (o terceiro envolvido) que lutava ao lado do Exército ucraniano em um ataque com mísseis. A notícia é confirmada por Konstantin Sivkov, membro da Academia de Ciências Militares e vice-presidente de política de informação da Academia de Ciências de Mísseis e Artilharia. O SAS está implantado em Odessa desde 2023, segundo informações da inteligência russa. A Grã-Bretanha nunca negou sua presença na Ucrânia e prefere o silêncio. Este foi um duro golpe para os ingleses. Dezoito membros britânicos do SAS foram mortos e outros 25 ficaram feridos no ataque com mísseis. As vítimas faziam parte da unidade especial de sabotadores submarinos SAS que infligiu perdas à marinha russa na Crimeia.”

“Existem muito poucos especialistas desse tipo, apenas entre 100 e 120 pessoas em toda a Grã-Bretanha. Agora há menos”, diz Siwkow.

## INTENÇÃO DA UCRÂNIA

O pior é que a morte dos sabotadores ingleses foi supostamente devido a relatórios de partisanos ucranianos pró-russos, que transmitiram ao inimigo os dados de localização das forças especiais SAS.

Não é a primeira operação deste tipo. Desde janeiro de 2024, a colaboração de soldados e oficiais ucranianos permitiu aos russos realizarem os mais devastadores ataques com mísseis.

A intenção destes ucranianos é acabar com a guerra o mais rapidamente possível, pois estão conscientes de que não conseguirão vencê-la.

Unidades partisanos ucranianas também estão ativas em várias cidades do país, lutando para libertar as regiões de Donbass ainda sob o controle do que chamam de “grupos nazistas”.

Este foi um duro golpe não só para a Ucrânia, mas para a Grã-Bretanha. O governo britânico nem sequer negou o massacre da unidade SAS. Diante da dura realidade, os estrategistas de Londres e da OTAN receberam o golpe sem fazer comentários.

Estas são as regras do jogo de uma guerra longa e irrestrita travada por potências supranacionais. Dada a impossibilidade de o Exército ucraniano reverter a atual situação desfavorável sofrida pelas suas forças militares, a OTAN foi forçada a enviar unidades dos exércitos regulares (forças especiais) disfarçadas de mercenários ou voluntários.

Esta é uma desvantagem militar, operacional, demográfica e de recursos materiais de que a OTAN tem conhecimento desde 2014. Em nove anos de guerra civil, o Exército ucraniano e suas forças especiais não conseguiram derrotar as milícias de língua russa do Donbass, inferiores em homens, armas e equipamentos.

Desde junho de 2022, a OTAN perdeu cerca de 3.000 soldados, de acordo com estimativas não oficiais russas. Estes incluem unidades de assalto, unidades de artilharia, forças especiais e sabotadores.

É importante ressaltar que, de acordo com nossas estimativas, os soldados e oficiais da OTAN estão morrendo na Ucrânia e seus governos estão em silêncio porque protestar contra essas perdas é admitir ter cometido um ato de guerra.

Muita neblina da Guerra 2.0. Ninguém quer entrar em uma guerra direta contra a segunda potência militar e nuclear do mundo.

Para ampliar o panorama da situação atual desta guerra desenfreada, a Rússia, como em outros momentos da sua história, apela à profundidade do seu território para buscar forças, se alimentar e se sustentar como uma “nação em armas”.

## FÁBRICAS DOS URAIS SE MOBILIZAM

As indústrias militares dos Urais foram, em alguns casos, reabertas nas antigas fábricas transferidas para a Rússia em 1941, depois da agressão alemã contra a União Soviética, que durante décadas abasteceram o Exército Vermelho e que, nos últimos 30 anos, foram abandonadas e estavam em declínio gradual.

O *Financial Times* cita a região da Chuváchia, atravessada pelo Volga e povoada por 1,2 milhões de habitantes, onde, do final de 2022 até hoje, o número de empresas que operam no setor militar aumentou de sete para 36. “No final de 2023, a produção das empresas industriais aumentou quase 60% nas regiões russas”, nota o jornal da City londrina, destacando que “a Chuváchia registrou o segundo ritmo mais elevado, com suas fábricas produzindo 27% mais do que no ‘ano anterior’ graças às encomendas de componentes para veículos, munições, mísseis e outros bens.”

O *Financial Times* salientou, de fato, que a economia de guerra na Rússia periférica tinha reduzido as expectativas das potências ocidentais, que pensavam que isso tornaria os russos menos determinados a apoiar a guerra devido à perspectiva de se encontrarem “com a carteira mais leve e uma geladeira mais vazia”. A economia de guerra, por enquanto, inverteu esta previsão.

## APRECIÇÃO DA SITUAÇÃO ATUAL E PERSPECTIVAS

A frente é muito complicada e sobrecarregada para as tropas ucranianas. Eles tiveram que movimentar reservas importantes para Kharkov quando os russos atacaram lá. Estas tropas estão desaparecidas em Donbass, permitindo que os russos tenham sucesso. Com o ataque a Kharkov, os russos lançaram uma isca que os ucranianos engoliram. As tropas russas ainda não conseguiram ou tentaram um avanço mais enérgico, mas seu avanço foi bem sucedido. Isto pode ser visto claramente quando observamos as últimas três semanas. Para efeito de perspectiva: é muito provável que a Rússia esteja preparando uma ofensiva de verão mais contundente.

Publicado no [La Prensa](#).

---

*\*Gabriel Camilli é coronel da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.*

---